

TENTATIVAS DE APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ACADÊMICA POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: A PRODUÇÃO ESCRITA NA UNIVERSIDADE

APPROPRIATION ATTEMPTS OF ACADEMIC LANGUAGE FOR STUDENTS: WRITTEN PRODUCTION IN THE UNIVERSITY

INTENTOS DE APROPRIACIÓN DE LENGUAJE ACADÉMICO PARA LOS STUDIANTE: PRODUCCIÓN ESCRITA EN LA UNIVERSIDADE

MILENA MORETTO¹

RESUMO Tem se tornado fato corriqueiro a dificuldade de alunos universitários em se apropriarem da linguagem acadêmica para o desenvolvimento de trabalhos legitimados no meio universitário. Diante disso, as universidades têm criado programas e disciplinas na tentativa de minimizar o déficit em relação não apenas à apropriação do discurso científico, mas de dificuldades básicas da língua materna. Levando em consideração esse cenário, o presente artigo, resultado de uma pesquisa de doutorado, tem como objetivo analisar que estratégias os estudantes de graduação têm utilizado para a produção do gênero Trabalho de Conclusão de Curso. Para isso, analisamos um TCC desenvolvido por um grupo de alunos concluintes de um curso de Administração de Empresas de uma faculdade particular da região de Campinas. A análise foi baseada nos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria da enunciação e nos princípios da análise do discurso de linha francesa. Acreditamos que nossas análises possam suscitar reflexões acerca da necessidade de mais pesquisas voltadas à escrita acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: LINGUAGEM ACADÊMICA; ESCRITA ACADÊMICA; TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.

¹Universidade São Francisco (USF), São Paulo/SP – Brasil

ABSTRACT It has become common the fact the difficulty of college students to appropriate academic language to the development of legitimate work in the university environment. Therefore, universities have created programs and disciplines in an attempt to minimize the deficit with not only the appropriation of scientific discourse, but of basic difficulties of the mother tongue. Considering this scenario, this paper, the result of a doctoral research, aims to analyze strategies that undergraduate students have used to produce Final Paper genre. For this, we will analyze a Final Paper developed by a group of senior students of a course in Business Administration from a private college in the Campinas region. The analysis will be based on theoretical and methodological of the theory of enunciation and the principles of the French line of discourse analysis. We believe that our analysis may foster reflections on the need for more research geared to academic writing.

KEY-WORDS: ACADEMIC LANGUAGE; ACADEMIC WRITING; FINAL PAPER.

RESUMEN Se ha convertido en hechos habituales la dificultad de los estudiantes universitarios para apropiarse del lenguaje académico para el desarrollo de trabajos legítimos en el ámbito universitario. Por lo tanto, las universidades han creado programas y disciplinas en un intento de minimizar el déficit con no sólo la apropiación del discurso científico, pero de las dificultades básicas de la lengua materna. Teniendo en cuenta este escenario, el presente trabajo, el resultado de una investigación doctoral, tiene como objetivo analizar cuales las estrategias que los estudiantes de graduación han utilizado para producir el Trabajo de Conclusión de Curso (TCC). Para eso, vamos a analizar un TCC desarrollado por un grupo de estudiantes del último año de un curso de Administración de Empresas de una universidad privada en la región de Campinas. El análisis se basa en presupuestos teóricos y metodológicos la teoría de la enunciación y los principios de la línea francesa de análisis del discurso. Creemos que nuestro análisis puede fomentar la reflexión sobre la necesidad de más investigaciones destinadas a la escritura académica.

PALABRAS CLAVE: LENGUAJE ACADÉMICO; ESCRITURA ACADÉMICA; TRABAJO DE CONCLUSIÓN DE CURSO.

INTRODUÇÃO

Como professora do ensino superior, desde 2006, em disciplinas que tematizam a leitura e a escrita, tenho notado a dificuldade de estudantes ingressantes e até mesmo concluintes para desenvolver trabalhos na esfera acadêmica. Não foram raras as vezes que me vi perante discursos de insatisfação de docentes em relação à produção de textos dos estudantes. Da mesma forma, tornou-se fato corriqueiro perceber a ansiedade de jovens ingressantes ao se depararem com a necessidade de produzir textos do meio acadêmico: resumos, resenhas, artigos de opinião, entre outros, bem como de alunos concluintes no momento de produzir o tão temido Trabalho de Conclusão de Curso.

Foram cenas como as descritas que me trouxeram algumas inquietações sobre a produção textual acadêmica. Por isso, minha pesquisa, resultado de um programa de doutora-

do, tem buscado promover algumas reflexões acerca das práticas de trabalho com a escrita na universidade, bem como tem procurado respostas de como realizar um trabalho efetivo em sala de aula para garantir que os alunos se apropriem da linguagem acadêmica para a produção de textos exigidos nessa esfera social (MORETTO, 2014).

Neste artigo, no entanto, apresentarei um recorte da análise realizada, mais precisamente, o excerto que me motivou a lançar um olhar para a escrita acadêmica e perceber as manobras e tentativas dos estudantes para se apropriarem da linguagem exigida na universidade.

Diante disso, esse texto será organizado da seguinte forma: inicialmente, será apresentado um breve histórico do surgimento do gênero O Trabalho de Conclusão de Curso e, em seguida, uma discussão a respeito do contexto em que ele se desenvolve nos dias atuais. Posteriormente, serão descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados. A seguir, será apresentada a análise de um capítulo de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em uma universidade particular. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

1. O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA UNIVERSIDADE: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

O Trabalho de Conclusão de Curso, que também tem como sinônimo o termo monografia, é um gênero acadêmico que permite a divulgação de resultados de investigação científica e tem se tornado, em muitas universidades, condição para que os estudantes obtenham o diploma do ensino superior.

Considerando que cada campo da atividade humana está ligado a determinado uso da linguagem, e que cada um desses campos elabora os seus “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que Bakhtin (2010, p. 262) denominou de “gêneros do discurso”, o Trabalho de Conclusão de Curso, gênero que circula na esfera acadêmica, deve apresentar um conteúdo temático, composicional e estilístico de acordo com as condições específicas e finalidades dessa esfera social.

Cabe ressaltar que, para cada campo, há uma diversidade de gêneros devido às inesgotáveis possibilidades da atividade humana. Por exemplo, na universidade circulam textos que apresentam características temáticas, composicionais e estilísticas próprias dessa esfera: artigos, resumos, resenhas, papers etc. Essa diversidade é determinada pelo fato de que os textos diferenciam-se de acordo com a função de sua produção, da posição social que assume seu locutor e da relação de reciprocidade dos participantes da comunicação.

Entretanto, cabe salientar que os gêneros não são modelos estanques. Ao contrário, são mutáveis, flexíveis e plásticos, visto que cada campo da atividade humana se modifica e se complexifica. Exemplo disso é o gênero O Trabalho de Conclusão de Curso que se modificou ao longo do tempo.

Há indícios de que a primeira monografia surgiu por volta de 1855. De autoria de Frédéric Le Play (1806-1882), considerado o criador dessa modalidade, o trabalho de pesquisa titulado *Ouvriers européens: Études sur les travaux, la vie domestique et la condition morale des populations ouvrières de l'Europe*¹ fazia um estudo econômico acerca de operários. O resultado foi possível a partir do inquérito realizado pelo autor a respeito da metalurgia da Europa entre os anos de 1830 e 1844. Le Play, durante esses anos, fez várias viagens, nas quais observou e compilou o modo de vida de mais de trezentas famílias operárias (VECCHIO e DIÉGUES, 2009).

Para tal procedimento, o engenheiro realizou um extenso conjunto de anotações que permitiram a ele analisar, comparar e classificar as famílias estudadas. De acordo com Azevedo (1958), essas ações constituem os princípios essenciais do método de observação das sociedades e podem ser percebidas em um trecho introdutório de *Les ouvriers*:

[...] j'a appliqué, à l'observation des sociétés humaines, des règles analogues à celles qui avaient dressé mon esprit à l'étude des minéraux et des plantes. J'ai construit un mécanisme scientifique [...] Le présent volume a pour objet de décrire et de justifier cette méthode (LE PLAY, *apud* VECCHIO e DIÉGUES, 2009, p. 4).²

Apesar das grandes contribuições de Le Play para a ciência, acreditamos na possibilidade desse gênero acadêmico ter surgido muito antes, visto que os relatos sobre estudos específicos, em determinados períodos e espaços, são, essencialmente, monográficos. De acordo com Silva (2008), há a menção de uma monografia publicada a respeito de crustáceos, em 1824, por Peter Wilhelm Lund.

No entanto, é pelos estudos de Le Goff (2011) que há indícios do surgimento da monografia já na Idade Média. É claro que daquele tempo até os dias atuais o respectivo gênero tem sofrido várias alterações. Com o surgimento das universidades nesse período, fica em evidência a necessidade de exames regulamentados, muito parecidos com os atuais, para a obtenção de grau. A exemplo disso, Le Goff (2011) cita o caso do jurista bolonhês que obtinha seu grau em duas etapas: o exame propriamente dito e o exame público, que era mais uma cerimônia de investidura. O candidato preparava um comentário:

[...] que faria no fim do dia em um local público (frequentemente a catedral), diante de um júri de doutores, em presença do arcebispo, que não podia intervir. Depois do comentário exigido, ele respondia às perguntas dos doutores, que em seguida se retiravam e votavam. Quando se chegava a uma decisão por maioria, o arcebispo proclamava o resultado. Aprovado no exame, o candidato tornava-se licenciado [...] (LE GOFF, 2011, p. 107).

¹ Tradução: Trabalhadores europeus: Estudos do trabalho, da vida familiar e da condição moral das pessoas que trabalham na Europa.

² Tradução: “Depois de ter feito a prova das ideias preconcebidas [...] e de ter constatado a sua ineficácia para a solução das questões sociais, eu me fixara sobre um ponto essencial, a saber, que na ciência das sociedades, como na dos metais, não me julgaria de posse da verdade senão quando minha convicção pudesse apoiar-se sobre a observação dos fatos” (LE PLAY, *apud* VECCHI e DIÉGUES, 2009, p. 4).

É possível perceber, nas palavras do autor, ao retratar a história dos intelectuais medievais, indícios do gênero Trabalho de Conclusão de Curso que é feito atualmente, considerando que a situação descrita muito se assemelha à defesa de um TCC para uma banca examinadora (comum nos tempos atuais) que questiona o acadêmico a fim de analisar o que o aprendiz desenvolveu e exibiu por escrito. Ao final da apresentação, o candidato tem o veredicto: ser aprovado ou não, isto é, obter o grau de licenciado ou bacharel em determinada área do conhecimento.

O exame propriamente dito e explicitado por Le Goff (2011) pode estar relacionado ao trabalho escrito da pesquisa, o TCC, exigência de quase todas as universidades nos dias atuais. Cabe-nos, nesse sentido, discutir, na seção seguinte, um pouco sobre o contexto de produção desses textos no meio acadêmico.

2. O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA UNIVERSIDADE EM TEMPOS ATUAIS

Para analisar que estratégias os estudantes de graduação têm utilizado para a produção do gênero Trabalho de Conclusão de Curso, discutiremos, inicialmente, um pouco do contexto em que esses trabalhos são produzidos.

Inicialmente, é preciso considerar que, ao entrar no meio acadêmico, os estudantes se deparam com a exigência de ler, compreender e produzir diversos gêneros discursivos que são próprios da esfera acadêmica: resumos, resenhas, artigos, relatórios etc. O problema, contudo, consiste no fato de que esses gêneros, na maioria das vezes, são uma nova experiência para os estudantes que estão vivenciando, pela primeira vez, o ensino superior.

E, de acordo com Terzi (2006), há uma série de aspectos e convenções sociais que regulam o uso da escrita em determinado campo da atividade humana, bem como uma dimensão individual constituída da história e experiências de cada sujeito.

Os diferentes perfis de alunos que ocupam as universidades são exemplo disso. Há aqueles cujos estudos na educação básica foram mais coerentes com o ensino desse tipo de instituição e aqueles que se encontram menos preparados para se inserirem nesse espaço devido a uma série de fatores, entre eles, o ensino deficitário da educação básica. Os últimos apresentarão ainda mais dificuldades em apropriar-se da linguagem acadêmica e desenvolver os textos exigidos nessa esfera.

Nesse sentido, ao serem obrigados a produzir diferentes gêneros com os quais nunca tiveram contato (inclusive em suas práticas escolares), o resultado dessas produções acaba sendo, em muitos casos, desastroso. O pior é que, mesmo não sabendo redigir os textos exigidos nessa esfera, os alunos são submetidos a uma avaliação. Então, iniciam-se os conflitos entre o que os professores esperam de seus alunos e o que os estudantes realmente produzem. Observamos que, geralmente, nas universidades:

[...] não são explicitadas ao aluno as convenções de escrita que regem especialmente os gêneros da esfera acadêmica, pois o professor parte do princípio de que os estudantes já as conhecem. Na verdade, há a negação do aluno real com

o qual o professor está lidando, ao não reconhecê-lo como é, há a negação da voz do aluno no processo de ensino-aprendizagem e há a negação ao estudante das convenções que regem a escrita acadêmica. Os professores esperam que os alunos saibam essas convenções que não lhes são explicitadas (LILLIS, *apud* FIAD, 2011, p. 363).

Nesse sentido, de acordo com Lea e Street (1998), o aluno procura aderir aos discursos dominantes que são legitimados na universidade, que clama para si o *status* de verdade. A verdade, nesse trabalho, é entendida como um conjunto de procedimentos regulados para a produção, circulação e o funcionamento dos enunciados (FOUCAULT, 2009a).³ O autor comenta que, em nossa sociedade, a vontade de verdade tende a exercer sobre os demais discursos um poder de coerção, isto é, somos julgados, obrigados a entrar na ordem do discurso a partir daquilo que se considera como verdadeiro (FOUCAULT, 2009b). Por essa razão, é preciso enfatizar a impossibilidade de desassociar verdade e poder. Essa relação ocorre a partir de um processo complexo centrado nas instituições que autorizam determinados discursos a partir de um dado momento sócio, histórico e ideológico.

O Trabalho de Conclusão de Curso, por exemplo, ao se enquadrar em um gênero que circula prioritariamente no meio acadêmico, tem algumas características que são regulamentadas por essa esfera. Na pesquisa de doutoramento realizada (MORETTO, 2014), nota-se que esse gênero configura-se como um trabalho altamente complexo, de cunho intelectual, no qual os estudantes devem demonstrar um conhecimento amplo de determinado tema de seu curso. É um texto que apresenta várias seções: capa, folha de rosto, folha de aprovação, resumo, sumário, introdução, fundamentação teórica, método, análise, considerações finais e referências bibliográficas que se diferenciam no que diz respeito às características composicionais e linguísticas.

Como o estudante precisa entrar na ordem do discurso, é esperado que sua escrita atenda a várias exigências desse gênero: apresentar com propriedade o tema discutido de forma a contribuir cientificamente com a academia, esclarecer adequadamente os objetivos do trabalho, oferecer uma fundamentação teórica densa que coadune com os dados produzidos e analisados, escrever um texto coeso e coerente, saber gerenciar as diversas vozes presentes nesse gênero etc.

Por exemplo, na fundamentação teórica, é necessário que saiba apresentar as referências teóricas em que a pesquisa se baseia e que dará suporte para a análise a ser desenvolvida. Do ponto de vista da forma, para construir essa seção, é preciso saber selecionar as informações, fazer devidamente a citação de acordo com a norma estabelecida na univer-

³ Apesar de assumirmos nesse trabalho a teoria da enunciação de Bakhtin, acreditamos que algumas considerações de Foucault são importantes para a nossa discussão. Sabemos que ambos não pertencem a uma mesma perspectiva teórica, que produziram suas obras em tempos e espaços diferentes, que apresentam teoricamente algumas divergências e aproximações (GREGOLIN, 2014). Em razão dessas aproximações é que acreditamos que os dois teóricos podem contribuir com as nossas discussões no que diz respeito à questão da produção do discurso.

cidade (geralmente os trabalhos seguem os prescritos da Associação Brasileira de Normas Técnicas [ABNT]). É necessário, ainda, saber gerenciar as vozes dos autores presentes no texto de forma que a escrita não se constitua apenas um “resumo” das ideias oferecidas por eles, mas, ao contrário, em um texto articulado em que as vozes dos autores e do estudante se inter-relacionem e se complementem.

Esses aspectos, entre outros que caracterizam o respectivo gênero, como: o lugar de circulação do texto, os interlocutores, o conteúdo temático, a estrutura composicional, o uso da linguagem etc. apontam para a dialogicidade do gênero. O diálogo é aqui entendido a partir da concepção bakhtiniana que o considera “[...] não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 127).

O que a perspectiva bakhtiniana ressalta é que todo discurso é um elo ininterrupto na rede de comunicação verbal, isto é, toda obra (e, nisso, incluímos os Trabalhos de Conclusão de Curso), dialoga com outros enunciados que perpassam a sociedade e configuram uma cultura.

As palavras ditas são, nesse contexto, sempre “as palavras dos outros”, isto é, há sempre a presença de discursos “outros” na fala de qualquer locutor. Ao levar esses pressupostos em consideração, Authier-Revuz (1990) nos oferece dois conceitos importantes – heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva – que podem ser percebidos em diversos textos, entre eles: o Trabalho de Conclusão de Curso.

Segundo a autora, a heterogeneidade mostrada é aquela em que a presença do discurso de outrem é explicitamente demarcada no texto por meio do discurso direto ou indireto, do uso de aspas etc. Já a constitutiva, considerando o conceito de dialogismo de Bakhtin já explicitado, parte do pressuposto de que todo discurso proferido já foi um já-dito, isto é, sempre que o sujeito diz, ele tem a presença do outro em seus discursos. Conforme Bakhtin (2010, p. 294),

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro [...]. Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros [...]

Além de reconhecer que tudo que é enunciado pode ser considerado como uma resposta aos enunciados precedentes de determinado campo (BAKHTIN, 2010), é preciso discernir que uma característica essencial do enunciado é o endereçamento. Todo enunciado tem locutor e destinatário. Esse destinatário, de acordo com Bakhtin (2010), pode ser um participante direto do diálogo, uma coletividade de especialistas de um campo específico, um chefe etc. Estes não assumem uma posição passiva perante o que é dito; ao contrário, têm participação ativa no processo de comunicação verbal. Todo locutor, nesse sentido, espera uma resposta desse destinatário, espera uma ativa compreensão responsiva. De acordo

com Bakhtin (2010, p. 301), [...] é como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta.

Assim, ao enunciar, o locutor sempre procura antecipar as respostas do destinatário e essa resposta antecipável exerce uma influência sobre o que é enunciado, isto é, de acordo com Bakhtin (2010), ao falar, o locutor sempre leva em conta a percepção do enunciado pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação, suas convicções, seus preconceitos. Tudo isso irá determinar a escolha do gênero do enunciado, os procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2010).

É preciso considerar também, diante desse jogo interlocutivo, o conceito de polissemia. De acordo com Bakhtin e Volochínov (2010, p. 135), “[...] a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra”, isto é, a palavra adquire significado na situação de produção em que se realiza. Portanto, é diferente a cada vez que é enunciada.

Esses pressupostos de Bakhtin (2010) nos remetem às noções de “representação imaginária”, elaborada por Pêcheux (1997).⁴ De acordo com Pêcheux, esta se define como a “imagem” que os sujeitos fazem de si e dos outros em determinadas situações sociais. Essa relação entre os sujeitos é afetada pelos mecanismos de antecipação. Partindo das considerações de Pêcheux, Orlandi (2009) afirma que todo sujeito se coloca no lugar do outro e diz de um modo ou de outro de acordo com os efeitos que pensa em produzir em seu ouvinte o que, segundo ela, regula o discurso.

No entanto, nesse jogo de imagens, “[...] o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2009, p. 32). É isso que Pêcheux (2008) denominou esquecimento. O autor classifica duas formas de esquecimento do discurso: o de número 1, o esquecimento ideológico e o de número 2, que é da ordem da enunciação. No primeiro, o sujeito tem a ilusão de que o que diz é original, isto é, esquece-se que sempre retomamos sentidos existentes e acredita estar na posição de quem diz as primeiras palavras. O segundo refere-se às escolhas do sujeito para enunciar algo ao invés de outras. Esse esquecimento dá ao sujeito a falsa impressão de que o que é emitido é verdade, a realidade, de que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo.

Diante dessas considerações, apresentaremos, a seguir, o contexto e os procedimentos metodológicos utilizados para a construção dos dados desta pesquisa.

⁴ Bakhtin e Pêcheux não pertencem também a uma mesma perspectiva teórica, produziram suas obras em tempos e espaços diferentes, apresentam teoricamente algumas divergências (ver GREGOLIN, 2014), mas acreditamos que ambos possam contribuir para as nossas discussões no que diz respeito à produção do discurso.

3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar que estratégias os estudantes de graduação têm utilizado para a produção do gênero Trabalho de Conclusão de Curso. Para isso, selecionamos um TCC desenvolvido por alunos do último semestre do curso de Administração de uma universidade particular da região metropolitana de Campinas.

Antes, porém, de explicarmos como se deu a produção dos dados desta pesquisa, é importante ressaltar que a teoria da enunciação representada, neste artigo, pelas considerações de Bakhtin (2010) e, as orientações da análise do discurso de linha francesa com as contribuições de Foucault, Pêcheux e Orlandi forneceram as bases para analisarmos os dados. Levamos, nesse sentido, em consideração os conceitos de gênero, dialogismo e polissemia ao lançarmos o nosso olhar para a análise de textos produzidos pelos alunos. Como a análise do discurso de linha francesa visa “[...] em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si mesmo ou a uma análise sociológica ou psicológica do seu ‘contexto’ [...] articular a sua enunciação com um determinado LUGAR social” (MAINGUENEAU, 1997, p. 13), utilizamos os princípios da AD para analisar as posições que os sujeitos ocupavam em relação ao contexto de produção do discurso.

Antes de discorrermos sobre a análise dos dados, é importante, diante da perspectiva teórica que assumimos, apresentar o contexto de produção em que o TCC foi desenvolvido, já que, perante a perspectiva que adotamos, ele é um dos conceitos-chave para compreendermos como se deu a produção escrita desses trabalhos.

Na instituição onde se deu a coleta dos dados, o Trabalho de Conclusão de Curso é realizado em grupos, de no máximo quatro alunos. Na grade curricular, há a disciplina “Tópicos Especiais”, que tem como objetivo levar os alunos a compreender as características e a estrutura do respectivo gênero, bem como as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) de citações, referências etc. Essa disciplina assemelha-se ao que se discute e se desenvolve em “Metodologia do Trabalho Científico”. Enquanto aquela se encontra nos últimos dois semestres do curso, esta está no início da grade curricular e tem a intenção de levar os alunos a se apropriarem das normas da ABNT e auxiliá-los a desenvolver os trabalhos acadêmicos no decorrer do curso. Tanto na disciplina de Tópicos Especiais quanto na de Metodologia, o professor responsável é formado em Filosofia e Mestre em Educação pela UNICAMP.

Além dele, os alunos têm também um professor orientador, formado em Administração, que auxilia no conteúdo do tema escolhido pelo grupo. Essa orientação acontece mais ou menos umas quatro vezes no semestre e se dá fora dos horários de aula.

Há na instituição um departamento de estágio, no qual fui coordenadora, que, no final do semestre, recebe os trabalhos desenvolvidos e os entrega aos professores que compõem as bancas examinadoras. Foi nesse espaço que tive contato com o *corpus* que, inicialmente, foi me instigando a buscar trabalhar com o respectivo gênero. Entre todos os TCCs recebidos nesse departamento, selecionamos um que nos chamou a atenção em relação à temática e ao estilo. Neste artigo, apresentaremos apenas algumas de nossas análises em relação a

esse texto. Selecionamos, para isso, o primeiro capítulo de fundamentação teórica do TCC intitulado “A importância da motivação nas organizações”.

Nele, aos poucos, fomos percebendo como os estudantes procuram adequar o seu discurso aos seus prováveis destinatários e o percurso feito por eles para tentar apropriar-se da linguagem acadêmica. Além disso, observamos quais os discursos que os atravessaram e como os alunos foram constituindo-se nessa relação entre eles e o meio acadêmico.

4. DISCURSO DO SUJEITO NA TENTATIVA DE APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ACADÊMICA: A COLCHA DE RETALHOS

Conforme já apontamos, o gênero Trabalhos de Conclusão de Curso apresenta algumas características, entre elas: é dirigido a um grupo de especialistas da área, pressupõe um ouvinte conhecedor do assunto, dos métodos utilizados e interessado na pesquisa a ser defendida. Geralmente, o locutor desses textos busca convencer o interlocutor da validade da pesquisa e do rigor da mesma, embora esse processo nem sempre seja consciente. O aluno, na posição de pesquisador, desenvolve um trabalho a ser apresentado aos pares e, em especial, a uma banca de professores interlocutores que dominam o assunto em questão. No entanto, muitas vezes, por não assumir o papel de pesquisador, mas estar posicionado como aluno, tais procedimentos geram equívocos que são perceptíveis na produção acadêmica.

No trabalho analisado, escrito por três integrantes, os alunos iniciam o capítulo 2, primeiro capítulo teórico, fazendo referência a três autores seguidos do ano conforme as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) 10050.

Segundo Palma (2007), a motivação é quando se tem um motivo para agir. [...].

Conforme Bergamini (2005), a motivação vem do interior de cada um [...].

Para Chiavenato (2002), o termo motivação envolve sentimentos de realização, de crescimento e de reconhecimento profissional, manifestado por meio de exercícios das tarefas e atividades que oferecem suficiente desafio e significado para o trabalho [...].

As citações de imediato que introduzem o capítulo 2 demonstram que os alunos, considerando o contexto de produção ao qual estão inseridos, visam legitimar o seu discurso a partir do discurso de outrem, como propõe o respectivo gênero: o trabalho de TCC é feito a partir de um levantamento teórico e uma das características estilísticas é o trabalho com a citação. Compagnon (2007) afirma que a citação ocupa um lugar de reconhecimento, é uma marca de leitura. Não há, de certa forma, citação que não tenha a intenção de persuadir.

Além disso, a citação, de acordo com Moraes (2007), é uma questão de ordem ética e também um dever jurídico assegurado pelo artigo 46, III, da Lei de Direitos Autorais (LDA). Em razão do contexto, e por ser legal, a citação constitui-se também em um discurso de poder. É o controle que todo discurso científico exerce sobre o sujeito que quer apropriar-se da linguagem que circula nos espaços universitários. Aqui, como em toda sociedade,

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2009b, p. 8).

O trabalho com a citação é algo reconhecido, legitimado e está associado às práticas discursivas que se definiram a partir de um contexto sócio-histórico e ideológico. Essas regularidades e controle demarcam a inclusão ou exclusão do sujeito em determinado espaço. Assim, ao fazer referência aos três pesquisadores, os universitários parecem demonstrar a tentativa de apropriação da linguagem acadêmica: é o jogo de imagens que se instaura no objetivo de tornar o seu discurso legitimado, autorizado naquele contexto de produção.

As marcas linguísticas “Segundo Palma (2007)”, “Conforme Bergamini (2005)”, “Para Chiavenato (2002)”, além de legitimar o discurso, explicitam o diálogo do sujeito com o outro de forma explícita, o que Authier-Revuz (1998) denomina *heterogeneidade mostrada*. Esse recurso é um conjunto de marcas estruturais, por meio das quais o sujeito inscreve no seu discurso as palavras do outro (NEOTTI, 2006).

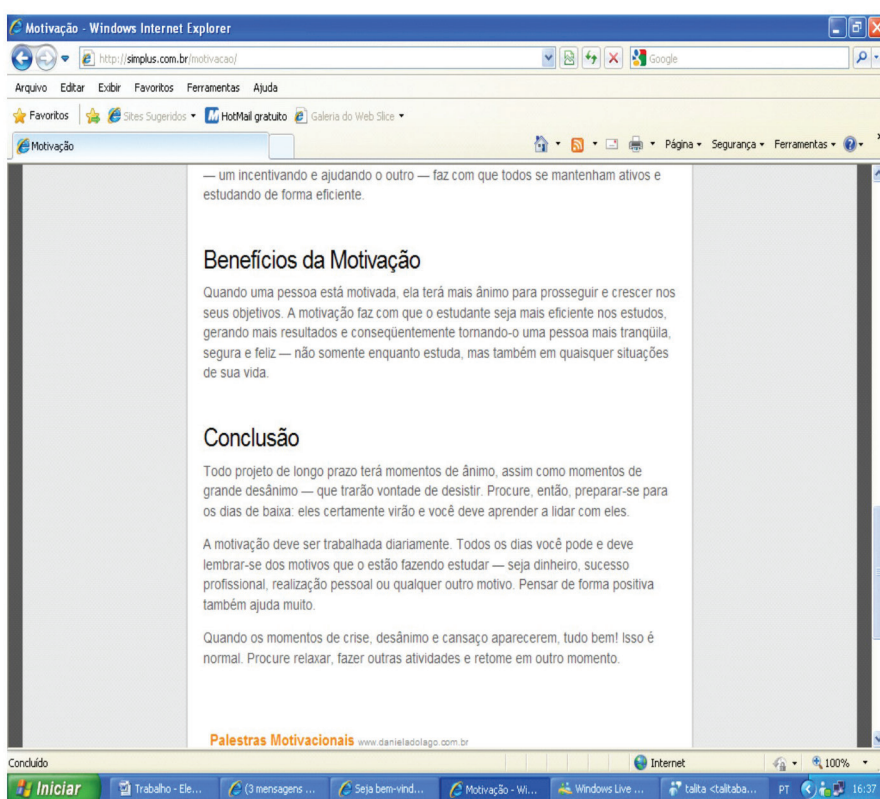
Mas, considerando que todo discurso é atravessado por outras vozes, como já apontamos ao longo deste trabalho, há o que Authier-Revuz (1998, p. 135) denomina *heterogeneidade constitutiva*: “a presença permanente, profunda, de ‘outros lugares’, do ‘já-dito’ dos outros discursos condicionando todas as nossas palavras e ressoando nelas”. Para compreendermos melhor tais noções, consideremos o seguinte trecho produzido pelo grupo:

São deixadas muitas coisas importantes de lado quando não nos sentimos bem, quando estamos desmotivados, mas quem perde nessa história somos nós mesmos, por isso, devemos fazer o possível para não se deixar levar por essa situação, temos que ser fortes e manter a motivação e auto-estima.

Aqui, há a manifestação do que Authier-Revuz (1998) considera heterogeneidade constitutiva. Partindo do tema “motivação nas organizações” e de enunciados como “temos que ser fortes e manter a motivação e auto-estima”, o trabalho realizado pelo grupo remete aos discursos utilizados nos livros de autoajuda. Os alunos retomam os dizeres que compõem esse outro gênero, mas, da forma como se posicionam, parecem esquecer-se disso – é o esquecimento ideológico apontado por Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2009) – vozes que estão circunscritas na história de vida, na memória discursiva dos sujeitos, que os constituem. No excerto, por não haver marcas linguísticas que remetam a esses discursos, inconscientemente, esses sujeitos denotam demonstrar a intenção, o desejo, a ilusão de dizer ao leitor que o que ali está sendo dito é seu, é original.

Tais considerações se manifestam em outros momentos do texto produzido pelos alunos. Consideremos os seguintes excertos que julgamos oportuno discutir:

EXCERTO 1



EXCERTO 2

Todo o projeto de longo prazo terá momentos de ânimo, assim como momento de grande desânimo que darão vontade de desistir. Procure, então, preparar-se para os dias de baixa: eles certamente virão e você deve aprender a lidar com eles (PALMA).

A motivação deve ser trabalhada diariamente [...] o pensamento positivo também ajuda muito. Quando os momentos de crise, desânimo e cansaço aparecem [...] devemos procurar relaxar, fazer outras atividades e retomar em outro momento.⁵

O excerto 1 refere-se a uma pesquisa realizada pelos estudantes sobre o tema em um texto não científico retirado do site <http://simplus.com.br/motivacao/>. O texto consultado de um blog, de autoria de Palma, foi utilizado pelos alunos para compor a fundamentação teórica referente ao capítulo 2.

⁵ O [...] indica cortes realizados pelos alunos na escrita em relação ao excerto 1 e os termos em negrito com o sublinhado apontam acréscimos e/ou alterações feitos no texto.

Há que se observar aqui que o trecho do site titulado Conclusão é quase que idêntico ao excerto produzido pelos alunos. O texto dos universitários apresenta uma citação direta do primeiro parágrafo fazendo menção à autora do blog – Palma. Ao mencionar explicitamente o nome da autora do blog no final da respectiva citação, observamos o que Authier-Revuz (1998) denomina de heterogeneidade mostrada. No entanto, há outras marcas interessantes a considerar. No excerto 2, há a inserção de um artigo definido (o) após o pronome indefinido “Todo” e a troca do verbo “trarão” por “darão”. Tais construções, mesmo que tenham sido feitas de forma inconsciente pelos sujeitos, demonstram os equívocos, os pontos de deriva que nos permitem compreender como que os sujeitos vão sendo constituídos dentro desse contexto. Por exemplo, o enunciado “Todo projeto de longo prazo [...]” retirado do excerto 1, do texto fonte, tem como objetivo demonstrar que qualquer projeto trará momentos de ânimo e desânimo às pessoas. Contudo, a inserção do artigo definido o, instaura um novo momento de significação. “Todo o projeto de longo prazo” parece referir-se a um projeto determinado, específico e por que não o próprio projeto de TCC que está sendo desenvolvido pelo grupo. Tais considerações são ainda marcadas pela troca verbal em que “trarão” indica algo de fora para dentro, isto é, um verbo passivo que denota que os momentos de ânimo e desânimo provocados pelo projeto (algo externo) atingirão a “alma” do sujeito. Já, na escrita proposta pelos educandos, o verbo “dar” indica um movimento contrário, isto é, parte da “alma” do sujeito para o externo. O texto traz indícios de que o sujeito, inconscientemente, encontra-se despreparado para a realização de um trabalho que lhe é proposto, ou melhor, imposto e encontra-se desmotivado para tal realização.

Se observarmos o segundo e o terceiro parágrafos do texto fonte (excerto 1 e 2), notaremos que há outras substituições e apagamentos que vão constituindo esse sujeito nas condições nas quais se encontra.

É interessante o apagamento dos enunciados do texto fonte “Todos os dias você pode e deve lembrar-se dos motivos que o estão fazendo estudar – seja dinheiro, sucesso profissional, realização pessoal ou qualquer outro motivo” e “tudo bem, Isso é normal”.

Além da forte presença de enunciados cristalizados socialmente, inscritos na nossa história e vivenciados desde a infância “deve-se estudar para vencer na vida”, chama-nos a atenção o fato de que o grupo de estudantes incorpora no trabalho um texto fonte que não faz referência ao tema “motivação nas organizações”, mas a motivação na vida pessoal, em especial, na vida como estudante.

Nesse mesmo percurso, os verbos imperativos, ao longo do capítulo 2, exercem a função apelativa da linguagem e buscam persuadir o interlocutor, que nesse caso, parece os próprios sujeitos “autores” do trabalho: “procure, então, se preparar para os dias de baixa”; “temos que ser fortes”; “temos que saber nos controlar emotivamente” e “procurar nos motivar e manter nossos colegas motivados” (lembrando que o TCC é realizado em grupo). Instaura-se nesses recortes, a polissemia, isto é, um deslocamento, uma ruptura do que se é esperado de um discurso acadêmico, mas, ao mesmo tempo, uma nova significação, a tentativa desses sujeitos se posicionarem.

Diante desses fatos, o apagamento da referência de Palma, do enunciado “todos os dias você pode e deve lembrar-se dos motivos que o estão fazendo estudar...” associado às condições de produção em que estão envolvidos esses sujeitos bem como as inserções feitas parecem demonstrar uma heterogeneidade mostrada ao inverso como explicita Neotti (2006). O enunciador usa suas palavras para inscrever-se no discurso do outro, e ao fazer isso, acaba se confundindo com ele. Tais marcas linguísticas vão indicar ainda que esses sujeitos têm o desejo de posicionar-se no texto do qual se apropriaram para construir o discurso e, ao mesmo tempo, se constituírem como autores. É a ilusão do esquecimento formulado por Pêcheux, a ilusão de que aquilo é seu, de que ele origina o seu dizer.

Uma das razões dessas manobras realizadas pelos alunos consiste no fato de eles serem submetidos à produção de um gênero sem ter acesso ao seu ensino. Geralmente, as universidades, em disciplinas que tematizam a escrita acadêmica, se resumem a transmitir as normas da ABNT, o que não garante a apropriação das características do gênero que precisa ser produzido.

Nessas condições, a partir das vozes que perpassam o discurso desses alunos, é possível perceber que os mesmos parecem manifestar o desejo de dizer “[eu] não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo” (FOUCAULT, 2009b, p. 7). No entanto, mesmo esforçando-se para ocupar a posição de pesquisadores, de cientistas, os alunos recebem, inconscientemente também, a seguinte resposta da universidade: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2009b, p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos como objetivo analisar que estratégias os estudantes de graduação têm utilizado para a produção do gênero Trabalho de Conclusão de Curso. Notamos que, em razão da não apropriação do respectivo gênero, os alunos procuram realizar algumas tentativas para adequar o seu texto ao que é esperado pela instituição e professores: empregam citações, fazem inserções e apagamentos, buscam legitimar o seu discurso de acordo com as regulações que essa produção exige no contexto no qual estão inseridos.

Em nossa análise notamos que, muitas vezes, produções como essas acabam, dentro do contexto já explicitado, por reduzir-se à mera atividade exigida pelas instituições superiores para o término do curso de graduação, ou melhor, uma exigência para que o aluno obtenha o diploma. Ressaltamos que raramente se oferece subsídios aos estudantes no que diz respeito ao ensino das características do respectivo gênero e, quando se faz nas aulas de Metodologia ou propriamente de TCC, esse ensino se resume na apresentação de normas e conceitos que pouco contribuem para a compreensão do gênero em questão.

Diante desse fato, esperamos que as nossas reflexões possam suscitar um olhar mais acurado para o trabalho desenvolvido nessa esfera, isto é, que mais do que prescrever normas e regras, as instituições de ensino superior busquem levar os estudantes a se apropriarem dos gêneros que nelas circulam para que eles sintam-se, de fato, inseridos no meio universitário.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer, Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990.

AZEVEDO, Fernando. **Princípios de Sociologia**: pequena introdução ao estudo da Sociologia Geral, 7. ed. rev. e ampl., São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**, 5. ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**, 14. ed., São Paulo: Hucitec, 2010.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FIAD, Raquel Salek. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n.º. especial, 2011, p. 357-369. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/viewFile/32436/20585>. Acesso em 15 out. de 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**, 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970, São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave, 2. ed., São Paulo: **Contexto**, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais da Idade Média**, 4. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LEA, M. R.; STREET, B. **Student Writing in higher education**: an academic literacies approach. In: *Studies in Higher Education*, London, v. 23, n. 2, p. 157-16, June, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os termos-chave da análise do discurso**, Portugal: Grádiva 1997.

MORAES, Rodrigo. O Plágio na Pesquisa Acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual. **Revista Diálogos Possíveis**, ano 6, n. 2, jul./dez., 2007.

MORETTO, M. **Um modelo didático do gênero Trabalho de Conclusão de Curso e uma perspectiva de trabalho em sala de aula**. Tese de doutoramento, Itatiba: Universidade São Francisco, 2014.

NEOTTI, Carolina. **Autoria e plágio em monografias**: uma abordagem discursiva. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Santa Catarina: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: Princípios & procedimentos, Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD 69). In: HAK, T.; MARIANI, B. S. C. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, Campinas: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento, 5. ed., Campinas: Pontes Editores, 2008.

SILVA, Marcos Antonio da. “**O que é uma boa monografia?**” V. 11, n. 1, Goiânia: Educativa, jan./jun., 2008, p. 99-107.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção do currículo nos cursos de letramento de jovens e adultos não escolarizados**, 2006. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos/uploads/sylviaterzi.pdf>. Acesso em: 8 mai., 2014.

VECCHIO, Angelo Del; DIÉGUEZ, Carla. **Os pioneiros da sociologia aplicada no Brasil**: Horacio Davis e Samuel Lowrie: as pesquisas de padrão de vida e a metodologia de Frédéric Le Play, Rio de Janeiro: Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA), 2009. Disponível em <https://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/DelVecchioAngelo.pdf>. Acesso em 7 de jan. de 2012.

DADOS DA AUTORA

MILENA MORETTO

Doutora em Educação pela Universidade São Francisco. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. São Paulo/SP – Brasil. milena.moretto@yahoo.com.br